

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro
Elisa Maria Ulhôa Cintra
Elias Mallet da Rocha Barros
Talya S. Candi
Alberto Rocha Barros

(Organizadores)

DIÁLOGOS PSICANALÍTICOS CONTEMPORÂNEOS
DO AFETO AO PENSAMENTO
BION & LAPLANCHE

IPUSP - 2018

1ª Edição

Psicologia / USP

PUCSP

São Paulo

2018

Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

DIÁLOGOS PSICANALÍTICOS CONTEMPORÂNEOS DO AFETO AO PENSAMENTO: BION/LAPLANCHE

Universidade de São Paulo

Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Pro-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-Reitora Adjunta de Cultura e Extensão Universitária

Profa. Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch

Diretora do IPUSP

Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza

Vice-Diretor do IPUSP

Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Membros da Comissão Organizadora

Alberto Rocha Barros

Elias Mallet da Rocha Barros

Elisa Maria Ulhôa Cintra

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Talya S. Candi

Membros da Comissão Executiva

Cláudia Perrotta

Davi Flores

Fernanda Parra

Ivy Semiguem

Lívia Bartolomei

Péricles Machado

Rachele Ferrari

Taís Nicoletti

Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

Autorizamos a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento. Bion & Laplanche (2018 : São Paulo, SP)
Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento. Bion & Laplanche: diálogos psicanalíticos contemporâneos. Do afeto ao pensamento. Bion & Laplanche / organizado por Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, Elisa Maria Ulhôa Cintra, Elias Mallet da Rocha Barros, Talya S. Candi, Alberto Rocha Barros. - São Paulo, SP : IPUSP : PUCSP, 2018.
22 p.

ISBN: **978-85-86736-88-9**

1. Psicanálise 2. Bion, Wilfred 3. Laplanche, Jean I. Título

RC504

Ficha elaborada por Elaine Cristina Domingues – CRB 5984/08

Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

SUMÁRIO

Programação	5
Apresentação	8
RESUMOS	10
Do afeto ao pensamento ou do corpo à simbolização	10
Nelson Ernesto Coelho Junior – IPUSP	
Beleza e significado no Campo Analítico	12
Roosevelt Cassorla - SBPSP	
Por que Bion?	13
Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP	
Diálogo entre Bion e Laplanche: uma proposta de enriquecimento mútuo	15
Paulo de Carvalho Ribeiro - UFMG	
Towards a general model of the psychoanalytic mind and of the psychoanalytic method.	16
Dominique Scarfone - Universidade de Montreal, Canadá	
Do afeto ao pensamento : Entre o intersubjetivo e o intrapsíquico	17
Talya S. Candi - SBPSP	
Entre corpo e psique: uma conversa inventada entre Green, Klein e Dominique Scarfone	19
Elisa Maria de Ulhôa Cintra - PUCSP	
Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e a do escritor.	20
Marina Ferreira da Rosa Ribeiro - IPUSP	
Bion e Laplanche: Função Alfa e Função Tradutiva Um encontro que celebra a psicanálise	21
Arnaldo Chuster - SPRJ	

Programação

QUINTA-FEIRA (30/08/2018)

Mesa: “Do afeto ao pensamento” – Roosevelt M. S. Cassorla (SBPSP) e Nelson E. Coelho Júnior (IPUSP).

Comentários de Dominique Scarfone (Universidade de Montreal, Canadá e Sociedade Psicanalítica Canadense)

SEXTA-FEIRA (31/08/2018)

8h45: Abertura:

Prof. Dr. Arley Andriolo - Presidente da Comissão de Cultura e Extensão Universitária do IPUSP

9h-11h: Mesa “Por que dialogar em psicanálise? “Por que Laplanche? Por que Bion?”

– Bernardo Tanis (presidente SBPSP); Elias Mallet da Rocha Barros (SBPSP) e Paulo César de Carvalho Ribeiro (UFMG)

11h-12h30: Conferência Dominique Scarfone (Universidade de Montreal, Canadá e Sociedade Psicanalítica Canadense): “Modelo da Mente: apresentação, representação, signo, simbolização.”

12h30-14h: Almoço e lançamento dos livros:

Paulo de Carvalho Ribeiro, Maria Teresa de Melo Carvalho, Marta Rezende Cardoso, Luiz Carlos Tarelho, Por que Laplanche? (Coleção Grandes Psicanalistas). Editora Zagodoni, 2017.

Elisa Maria de Uihôa Cintra e Marina F. R. Ribeiro, Por que Klein? (Coleção Grandes Psicanalistas). Editora Zagodoni, 2018.

Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

Luís Cláudio Figueiredo e Nelson Ernesto Coelho Junior (colaboração de Paulo de Carvalho Ribeiro e Ivanise Fontes), Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise. Editora Blucher, 2018.

14h-15h30: Mesa “O intrapsíquico e o intersubjetivo”

- Talya S. Candi (SBPSP), Elisa Maria de Uihôa Cintra (PUC-SP) e Marina F. R. Ribeiro (USP)

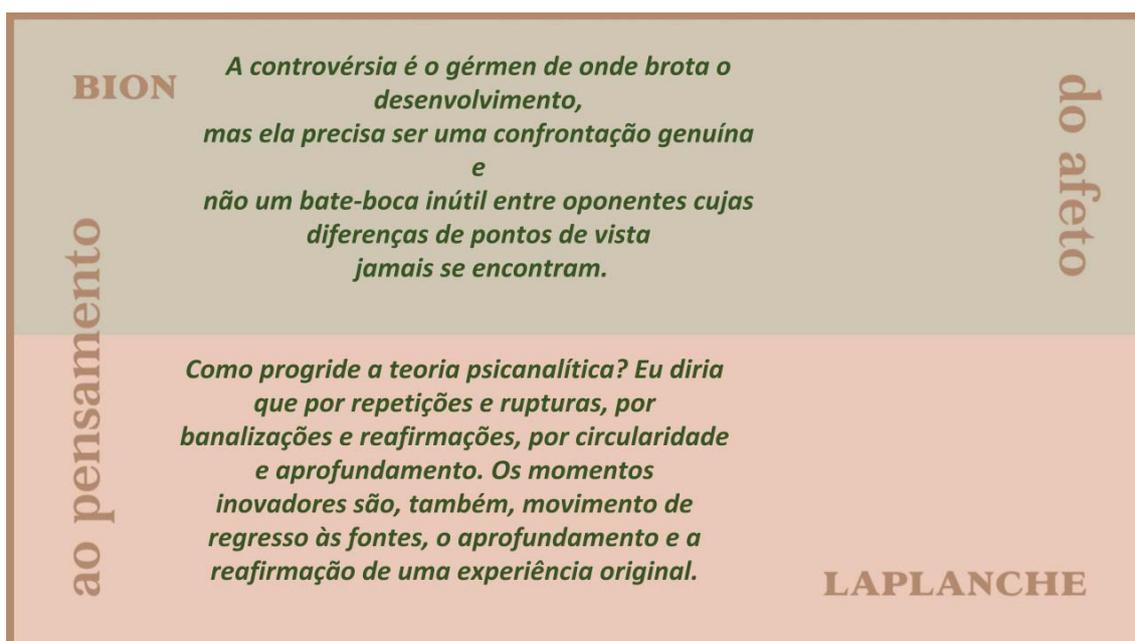
15h30-17h: Função “Tradutiva” & Função “Alfa”

- José Carlos Calich (SPPA) e Arnaldo Chuster (SPRJ)

17h: Encerramento

DIÁLOGOS PSICANALÍTICOS CONTEMPORÂNEOS

DO AFETO AO PENSAMENTO BION & LAPLANCHE



Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

Apresentação

Bion e Laplanche, por que um diálogo entre psicanálises tão distintas?

Para propor o diálogo Bion e Laplanche inspiramo-nos, em primeiro lugar, nas ideias desenvolvidas por Luís Claudio Figueiredo e Nelson Coelho Jr, a respeito das estratégias e táticas de cura na psicanálise contemporânea transmatricial, presentes no livro *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura – matrizes e modelos em psicanálise* (2018). Nele os autores descrevem a necessidade de relermos os autores, de forma crítica e rigorosa, reconstruindo alguns fios da história da psicanálise, tal como fazemos em uma análise. Compreendemos que reler a própria história não é uma repetição, mas uma tomada de distância temporal e conquista de nova perspectiva que justamente pode levar a sair da repetição e de alguns impasses, propondo novas direções.

Nossa segunda inspiração foi André Green, sobretudo em seu livro *Orientações para uma Psicanálise Contemporânea* (2008). Acolhemos sua preocupação com a sobrevivência da psicanálise, tentando, nós também, a partir de nossas possibilidades, promover um diálogo entre ideias psicanalíticas de autores diferentes como Bion e Laplanche. André Green promoveu uma interlocução incessante entre a sua primeira formação freudiana junto a Lacan, e mais tarde, em intenso diálogo com Klein, Bion e Winnicott, assunto que foi estudado no livro *O duplo limite em André Green* (2009) de Talya Candi, uma das organizadoras deste evento.

A terceira inspiração foi oriunda de Bion, que em suas últimas obras tinha a mesma preocupação de Green com a dispersão das escolas e com a necessidade de libertar a discussão das ideias das amarras políticas que estrangulam o pensamento nos pequenos grupos que pretendem dar um valor de verdade a esta ou àquela teoria psicanalítica. Pensamos, e acreditamos que a Universidade poderia ser um ambiente favorável à circulação de ideias e abrir um espaço favorável para acolher um grande espectro de diferenças.

Nossa quarta inspiração para realizar esses Diálogos foi o próprio Laplanche:

[A obra de outros autores,] ...mais que desterrá-la ou exorcizá-la, peçamos-lhe para trabalhar, forçando o seu pensamento e a sua obra a trabalhar. Dar-nos-emos conta, então, de que qualquer trabalho de qualquer grande obra psicanalítica recobre e entrecruza-se com o trabalho de outra obra. Para além de todo o ecletismo, a nossa época deveria, em minha opinião, consagrar-se a este trabalho, a este perfilar paciente de todas as exigências. Qualquer que seja o seu ponto de partida, qualquer trabalho de um pensamento psicanalítico encontra com o de outro pensamento desde que se trate de pensamento verdadeiro e de trabalho verdadeiro. (Laplanche, 1988, p.58)

Essas palavras são um convite à necessidade de uma elucidação cada vez mais fina das teorias psicanalíticas a serviço da clínica, fazendo-as trabalhar, uma contra a outra, uma a favor da outra em um clima de conversa entre pares, com o objetivo de trazer as diferenças, hostilidades e amores para o campo de uma conversação. Podemos perguntar: que efeitos benéficos podem surgir a partir da realização de Diálogos como este?

Paulo de Carvalho Ribeiro, que realizou seu doutorado com orientação de Laplanche foi um de nossos convidados que exemplifica de forma significativa os ganhos de um diálogo como este. Sendo um rigoroso estudioso de Laplanche há trinta anos deu espaço a uma antiga inquietação sua, através da noção bioniana de *rêverie* materna e da *rêverie* do analista. Se ideia de que a sexualidade é implantada no corpo pela mãe, por que razão Laplanche não poderia ter levantado a hipótese de que a capacidade de traduzir os significantes enigmáticos da sexualidade adulta também poderia ter sido implantada no corpo do

Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

recém-nascido? A capacidade tradutiva da mãe seria então comparável à noção de *rêverie* materna? A questão já está gerando elaborações, escritos e novas discussões que foram trazidas a este diálogo no IPUSP.

Alguns dos trabalhos levantaram outras tantas críticas e questões a respeito da noção de fantasia inconsciente, criando um debate em que podem ser relidas algumas noções de “afetos inconscientes” e de “fantasias inconscientes” a partir de autores como Merleau Ponty, Castoriadis e outros. Os diálogos transmatriciais são importantes pois as leituras psicanalíticas que centralizam todo o impacto do outro na origem da sexualidade e do aparelho psíquico deixam de lado a dimensão do corpo com a sua potencialidade sexual e abandonam uma dimensão da obra freudiana. Por outro lado, se a ênfase recai sobre o corpo e o intrapsíquico, outra dimensão da obra freudiana se perde. Entre as escolas que privilegiam a dimensão intrapsíquica e as que privilegiam a dimensão intersubjetiva, acreditamos ser necessário construir pontes e lugares de diálogo fecundo.

Pudemos então de fato pensar, com a vantagem da distância temporal em que foram escritos, alguns aspectos das obras de Freud, Bion e Laplanche, que ensinam algo de valioso para a atual prática clínica e para o exercício teórico. O que buscamos através do diálogo? Seguindo Elias Rocha Barros julgamos que o objetivo de um debate sobre visões controversas não pode ser homogeneizar nossas concepções ou teorias analíticas - temos uma tendência pluralista -, mas fazer avançar nossas reflexões sobre o que observamos através do aprofundamento de suas raízes constituidoras. Buscamos num debate, diz Rocha Barros, ângulos comuns para a observação de diferentes experiências, de modo a podermos conversar sobre aquilo que apreendemos e, com isto, nos fertilizar mutuamente.

Nosso objetivo não é avaliar que abordagem ou que escola é melhor, mas compreender a natureza das problemáticas geradas e das respostas fornecidas pelos diferentes pontos de vista, de modo que possamos estabelecer um debate profícuo e uma verdadeira troca de opiniões. Uma discussão torna-se proveitosa quando somos convidados pelos argumentos dos outros a duvidar de nossas crenças, a perceber os limites de nossos modelos.

O tema proposto para este diálogo entre Bion e Laplanche foi “Do afeto ao pensamento”. O tema pode ser visto como uma das questões centrais de todo e qualquer fazer psicanalítico, podendo ser traduzida assim: como as experiências sensoriais e seu impacto emocional, produzem pensamentos? Como transformar o registro afetivo, sensorial, emocional em algo que possibilite a construção de um sujeito, que possa pensar sobre a experiência e aprender acerca da experiência? Quais são as vias que levam a transformação do registro sensorial e afetivo, que formam as experiências, em material que possibilite a criação de limites psíquicos que geram o pensamento? A psicanálise propõe que esta passagem passe pela representação e/ou pelas formas simbólicas.

Temos a convicção de que os movimentos de confronto e complementação que caracterizam o diálogo com um outro diferente ampliam e aprofundam as perspectivas teóricas e clínicas do fazer psicanalítico. Nesse sentido, o evento foi uma grata realização dessa proposta, pois, como escreveu Bion: a psicanálise é uma sonda que expande o território que investiga, em outras palavras, diálogo gera novos e mais diálogos.

A comissão organizadora

RESUMOS

Do afeto ao pensamento ou do corpo à simbolização

Nelson Ernesto Coelho Junior – IPUSP

Esta apresentação busca explicitar meus esforços clínicos e teóricos em fazer da psicanálise uma prática e um campo de conhecimento em que as diferentes dimensões da complexa construção/evocação de sentidos se faça de forma cada vez mais consolidada e compreensível. Que se expanda, justamente, a compreensão sobre as diferentes trilhas que nos levam dos afetos aos pensamentos. Nos meus próprios termos, venho recorrendo à metapsicologia freudiana e à filosofia de Merleau-Ponty para avançar nessas questões e conseguir estabelecer um diálogo frutífero com meus colegas psicanalistas com quem compartilho o momento pós-escolas. Momento estabelecido a partir dos anos de 1980, com o início do esgotamento das grandes escolas pós-freudianas (Klein, Lacan, Psicologia do Ego). Em pesquisas e na prática clínica tenho procurado estabelecer os elementos básicos de uma clínica psicanalítica fundada na experiência de uma co-corporeidade. Defino a noção de corporeidade como sendo um tecido material e energético, móvel e instável, movido por forças pulsionais em sua remissão aos objetos e marcado por interferências de intensidades internas e externas, constituindo um campo de forças e proto-sentidos. Como se verá, proponho que não há como expulsar a dimensão pulsional da corporeidade, tampouco o Eu e o inconsciente. Mas também não há como negar a dimensão relacional, propriamente intersubjetiva da situação analítica. Com isso, tenho procurado sublinhar a necessária tensão permanente entre as dimensões intrapsíquicas e as dimensões intersubjetivas na clínica e na teorização psicanalíticas. Procuo sublinhar, também, minha preferência pela noção de co-corporeidade com relação à de intercorporeidade, já que entendo que a ênfase não deve se situar no “entre” corporeidades, mas sim na ideia da co-presença de duas corporeidades, que já trazem em si o Eu e o outro. Com isso, o que proponho, de modo simplificado, é que tomemos o conceito de corporeidade como alternativa para designar um campo específico de experiências sensoriais, afetivas e com significado, mesmo que proto-simbólicas. Corporeidade de paciente e analista, co-corporeidade, plano originário de relação em que processos transferenciais e contratransferenciais são vividos e sentidos. Corporeidade do analista em suas respostas à corporeidade do paciente, que podem incluir experiências/ações de sonolência, tédio, desejo sexual, tristeza, raiva, impulsos agressivos ou sádicos etc. Insisto na dimensão co-corpórea do campo analítico na tentativa de enfatizar, por outro ângulo, a grande interdependência dos funcionamentos psíquicos de pacientes e analistas durante o processo de análise. Com isso, procuro também me referir a formas de comunicação e não-comunicação que permeiam e sustentam os trabalhos analíticos. São estímulos basicamente não-verbais e pré-verbais (mas que também podem ser verbais) que operam por meio de um plano primordial de contato e experiência do

Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

outro, que é a co-corporeidade. Insisto na ideia de que as percepções e as sensações trazem em si a possibilidade de atribuição de sentidos / significados. A questão que proponho é se a dimensão co-corpórea, por si mesmo, em sua estrutura sensorial enquadrante pode, para além de ser polo receptivo, também produzir sentido/significação. Ou seja, como se passa do corpo à consciência, ou do corpo à plena capacidade de simbolização?

Palavras-chave: co-corporeidade; campo analítico; intersubjetividade; Merleau-Ponty.

Beleza e significado no Campo Analítico

Roosevelt Cassorla - SBPSP

Partindo da ideia complexa de Campo Analítico propõe-se um vértice de observação desse campo que privilegia sua função de dar significado a experiências emocionais. As ideias de sonho e não-sonho, produtos do campo, são discutidas a partir do enfoque bioniano. Salientam-se as características permanentemente mutáveis dos fenômenos de campo, resultado dos princípios da incerteza e da incompletude. Destaca-se a função do analista, como observador e – ao mesmo tempo – participante dos fenômenos de campo. O campo se altera pela observação e altera a capacidade do observador, em um processo circular. Em seguida se propõe que a Beleza pode ser tomada como fator de validação da aquisição de significado. Ela é considerada como produto de um conglomerado emocional estético que se manifesta por satisfação, prazer, vitalidade e desejo de continuar fruindo da experiência emocional. Demonstra-se que o sentimento de Beleza indica proximidade com a verdade emocional do momento. Finalmente, a partir de material clínico, discute-se situação em que o campo é tomado por fatos estranhos, que remetem à descrição freudiana de Unheimlich. Demonstra-se como o processo analítico transforma essas percepções permitindo que adquiram significado. Valoriza-se a capacidade do analista deixar-se envolver pela experiência emocional que busca compartilhamento.

Palavras-chave: campo analítico, Bion, beleza, significado

Por que Bion?

Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP

Um diálogo entre autores só é produtivo se não tivermos como objetivo homogeneizar suas concepções, mas o de fazer avançar nossas reflexões sobre os temas tratados pelos autores em questão através do exame aprofundado de suas raízes e desenvolvimentos. Para justificar Bion neste diálogo necessito buscar em Laplanche algumas problemáticas para depois questioná-lo. Dentre os vários caminhos possíveis para refletir sobre estes dois autores como já disse resolvi selecionar a questão de como concebem a ampliação do campo psíquico inconsciente. Para abordar a partir deste ângulo, necessito falar um pouco sobre como concebem a relação consciente/inconsciente e sua relação com o caráter histórico da subjetividade. Pretendo trazer esta questão para a discussão sem pretender que existam semelhanças ou identidades profundas. Em comum existem perguntas e problemáticas. Ambos promovem o que poderíamos caracterizar como um descentramento da noção de inconsciente. Para Bion existe uma continuidade entre as instâncias, interrompida pelo que chama de barreira de contato que pode ser algo tênue ou espesso e não uma separação estrutural ou econômica. Neste caso o descentramento significa que a subjetividade existe *entre os* espaços do consciente e do inconsciente e das duas posições (esquizo-paranoide e depressiva) numa tensão dialética tendendo ao infinito. Esta conexão com a memória é interessante na medida em que amplia e retoma uma concepção de Freud que nem sempre é lembrada e enfatizada. Freud sugere que a memória é estocada em extratos, mas de maneira relativamente fluida e incompleta (insaturada na linguagem de hoje) até serem recordadas e que o contexto da rememoração altera a memória factual. Para ambos, o homem é um ser histórico. Não entrarei neste momento na complexidade da concepção de História no que tange ao ser humano individual. De forma sucinta e correndo todos os riscos de estar simplificando, para Bion o homem se constitui através da interação permanente entre os significados das experiências emocionais *independentemente* de sua fonte geradora. Estas ao serem vividas são transformadas por uma função hipotética denominada “alfa” que transforma experiências brutas em fatos mentais. No caso de Bion a história deposita-se na estrutura e tem um caráter mais genealógico do que cronológica. Tanto para Bion como para Laplanche o Homem só existe no estado de gerúndio, isto é, em continuidade: SENDO. Laplanche refere-se à operação do que parece ser também uma função que mantém o psiquismo em movimento., segundo Calich (2018) ou seja, a função tradutiva (Laplanche fala em atividade tradutiva; função já é uma expressão do Calich) sempre aplicada às mensagens enigmáticas recebidas da mãe/pais e que são sentidas como invasivas e penetrantes. Veremos à frente de que se trata esta formulação. Aqui se coloca uma primeira questão: 1- Qual a relação da função alfa com a função tradutiva além das semelhanças e diferenças superficiais e óbvias? Qual a importância relativa das diferenças para a compreensão de como o aparelho psíquico e a subjetividade se constroem? Nesta altura sobressaem algumas questões: Porque dar primazia à mensagem da mãe? O que ocorre com as mensagens do infans? Bion dá mais ênfase, creio eu à presença da mãe ou seu contrário, sua ausência. É a ausência da mãe a primeira mensagem (comunicativa) a ser interpretada pelo bebê. A representação da ausência se dá concomitantemente com a expressão de uma projeção de uma ameaça de aniquilamento, de desintegração que se a

Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

mãe captar e responder adequadamente; 2-Será que não Bion não diria que se trata de um momento inicial através do qual o bebê biológico se transforma em bebê mentalizante, portanto psicológico por meio da operação da função alfa sobre os elementos Beta, experiências brutas que só servem para descarte ou incorporação sob a forma de um objeto bizarro, provavelmente assumindo a forma de um sintoma psicossomático? Para Bion é a experiência em si que é vivida como um protótipo de emoção que necessita se incorporar ao aparelho mental sob a forma de um significado com poder de evocar novamente a experiência. Vale aqui mencionar a possível influência de Charles Peirce (data) nesta concepção de Laplanche e também sua aplicabilidade em relação às concepções bionianas, que menciona o signo como conteúdo num terceiro nível uma função interpretante. Esta função é fruto do efeito (para Peirce) sobre o recipiente do impacto do signo e cria o espaço definido como de semiosis. Aqui poderia dizer que este espaço da semiosis é aquele que Bion chama do espaço das transformações e este existe em continuidade com o inconsciente. Mas é preciso assinalar que transformações para Bion não é sinônimo de mudanças psíquicas, pois neste caso sua teoria seria simplesmente banal. Para Bion as transformações se dão no continente e não no conteúdo. O signo no caso atua como continente (exerce uma função continente) sobre os estados afetivos por ele produzidos especialmente quando atua no inconsciente. Nesta circunstância poderemos detectar a presença do signo pelos seus efeitos ainda que ainda não possamos localizá-lo. Muller (2015) sugere que o analista é o interpretante (*interpretant*) vivo dos sinais emitidos pelo paciente.

Palavras-chave: função alfa; atividade tradutiva; Bion; Laplanche

Diálogo entre Bion e Laplanche: uma proposta de enriquecimento mútuo

Paulo de Carvalho Ribeiro - UFMG

Um bom diálogo entre dois autores deve obrigatoriamente trazer benefícios para o pensamento de ambos. Tendo isso em mente, proponho trabalhar dois pontos teóricos a partir dos quais é possível não só encontrar aproximações como também formas de enriquecimento mútuo entre os pensamentos de Bion e Laplanche. O primeiro ponto diz respeito à “realidade da mensagem”, que é um domínio da realidade distinto tanto da realidade material quanto da realidade psíquica, segundo Laplanche. Essa ideia encontra ressonância na concepção de projeção adotada por Bion. À semelhança de Laplanche que recusa a ideia de fantasia de sedução e sustenta a inevitável sedução da criança como resultado real das mensagens comprometidas com a sexualidade inconsciente do adulto, Bion também vai muito além da fantasia ao atribuir à identificação projetiva uma capacidade real de penetrar o psiquismo e o corpo do objeto. O segundo ponto é a convergência da função de rêverie, concebida por Bion, com a dimensão tradutiva do recalque, proposta por Laplanche. Essa convergência aparece quando se leva em conta a centralidade dos processos de simbolização presente nesses dois mecanismos psíquicos. A exploração desse segundo ponto possibilita ir além da simples aproximação de conceitos e abre caminho para aprimorar alguns aspectos teóricos que me parecem insuficientemente desenvolvidos no pensamento de cada um dos autores. No caso de Laplanche, a aproximação entre teoria tradutiva do recalque e função de rêverie permite substituir o bebê pela mãe como agente de simbolização, contribuindo assim para superar o impasse gerado pela suposição de um bebê capaz de traduzir/simbolizar antes mesmo da constituição da tópica psíquica, logo, antes da formação de uma instância à qual se possa atribuir essa capacidade. No caso de Bion, a possibilidade de utilizar a teoria da sedução generalizada de Laplanche para reconhecer a inescapável erogeneização do corpo do bebê, inerente ao exercício da capacidade de rêverie, permite que a sexualidade infantil criada prioritariamente pela ação do outro, e não por forças biológicas inatas, encontre espaço em sua concepção da situação originária. Finalmente, a noção de co-corporeidade, proposta por Nelson Coelho Junior, é utilizada para se pensar a situação originária mãe/bebê de forma a superar uma concepção inatista e autocentrada da capacidade do bebê humano de se auto-representar.

Palavras-chave: teoria tradutiva; *rêverie*; Bion; Laplanche

Towards a general model of the psychoanalytic mind and of the psychoanalytic method

Dominique Scarfone - Universidade de Montreal, Canadá

The main axis of my present research is to establish a general model of the psychoanalytic approach to the psyche and its shortcomings based on 1- The theory of autopoietic systems (Varela, Luhmann) as a general framework; 2- Freud's (1896, "letter 52") and Laplanche's (1987) translational model of psychic functioning included in the theory of generalized seduction; both Freud's and Laplanche's models are however slightly modified to include the process of transduction, borrowed with some modification from (Simondon, 1958; see Scarfone, 1999, 2015), a process which is larger than— and includes — translation. Elements 1 and 2 can account for the formation of the systemic unconscious through primal repression (a failure in translation) and its relationships to the Ucs and Pcs "Ego" system. 3- The model elaborated from 1 and 2 is then applied to the analytic situation, taking into account the provocation of the transference by the analyst. The role of transduction and translation is made clear with regard to the analytic method. The Freudian original method of analysis (based on free association and evenly suspended attention) is totally compatible with this model, but must take into account what stands at the limits of the analyzable. It must therefore explicitly deal with the limitations of a strictly translational model of the psyche and of the analytic method. The process of transduction is again invoked to account for what happens at the borders of the unanalyzable and which requires a transformation in both patient and analyst. 4- Finally, I shall propose that the same model can help in operating comparisons, distinctions and convergence between different schools of psychoanalysis.

Key-words: autopoietic systems; generalized seduction; analytic method; Laplanche

Do afeto ao pensamento : Entre o intersubjetivo e o intrapsíquico

Talya S. Candi - SBPSP

Ao tentar me debruçar sobre as contribuições dos dois grandes autores deste evento (Bion e Laplanche), e pensar na importância deles para a psicanálise contemporânea me deparei com uma feliz coincidência, tanto W. Bion quanto Jean Laplanche, cada um da sua maneira sentiram, ao longo dos seus respectivos percursos , a necessidade de repensar o campo da pesquisa psicanalítica incluindo o papel do outro da intersubjetividade, ou como costumava dizer Lacan do outro do outro , é dizer do outro da diferença , do outro na sua alteridade radical. Estes dois autores nos outorgam assim elementos preciosos para refletir sobre o papel fundante do objeto externo na constituição do humano e conseqüentemente no papel do analista em sessão. Jean Laplanche revisita o tema da sedução e propõe pensar que o psiquismo surge como resposta a uma interpelação originária vinda de um outro irremediavelmente sexual , uma sedução primordial que exige trabalho de tradução. Assim Laplanche nos apresenta um trauma necessário para a humanização, um potencial traumático inerente ao psíquico e inerente a própria capacidade de viver e de pensar. Bion por sua vez , desenvolve as noções de função alfa e de reverie e sugere que a capacidade de elaboração e de tradução dos excessos traumáticos (e aqui podemos incluir as mensagens enigmáticas de Laplanche), provém de um trabalho de implantação por parte adulto cuidador. O psiquismo se desenvolve e se amplia entre o mesmo e o outro , entre sedução/interpelação e digestão/elaboração. Certamente a ideia de que precisaria de uma ação psíquica vinda de fora do sujeito para interpelar o sujeito , acordar o afeto e movimentar a vida psíquica já estava presente em Freud , mas Freud não se dedicou a elaborar uma teoria do objeto externo que nos permitissem propor uma metapsicologia dos processos de transformação do afeto em pensamento. O que deveria acontecer no mundo externo , que tipo de ação deve ser desempenhada para por em marcha o processo que chamamos simbolização? Em seu livro *O discurso vivo* (1973), fruto da pesquisa realizada sobre o tema do afeto , Green nos dá uma definição muito ampla da noção de afeto e outorga um estatuto metapsicológico para este termo . Afeto é para Green um termo categorial que agrupa todos os aspectos subjetivos qualificativos da vida emocional no sentido amplo, compreendendo todas as nuances que a língua francesa (émotion, sentiment, passion, etc...) encontram sob este tópico. O termo afeto deve ser compreendido essencialmente como um termo metapsicológico, mais do que descritivo que engloba as paixões das relações humanas . Não existe pensar que não tenha passado pelos sentidos, pela emoção ou pela paixão que inspiraram um dia os primeiros objetos de amor. O inconsciente pulsional permeia todo trabalho do pensamento e implica uma convivência estreita com o abismo do irrepresentável e do trauma. O próprio aparelho psíquico, vai se configurar como um aparelho analógico do corpo sensível que precisa traduzir, digerir e elaborar os afetos despertados pelos excessos de excitação e de paixão. Em 1976 Green desenvolve um modelo do aparelho psíquico , formado por um duplo limite , um limite intrapsíquico e um limite intersubjetivo . Este novo modelo do aparelho psíquico é um modelo teórico/clínico que inclui as alteridades internas e externas e vai requerer uma

Anais do Seminário Internacional Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Do afeto ao pensamento.

Bion & Laplanche

São Paulo, IPUSP, PUCSP, 2018.

sistematização do que posteriormente virá a ser conhecido como funções simbolizantes do objeto (Roussillon, 2010). Para Green o aparelho da alma é um espaço intermediário que viabiliza o trânsito entre a alteridade proveniente do completamente interno (soma, pulsão) e a alteridade formada pelo completamente externo (o Outro e as suas mensagens enigmáticas). Neste espaço de mediação, encontra-se a vida psíquica que se caracteriza por exercer as atividades do sonhar, do brincar e de pensar. Estas atividades se desenvolvem a partir da elaboração do impacto emocional produzido pelas alteridades e proporcionam uma maior mobilidade interna e a liberdade necessária para a criatividade humana. A vida psíquica se caracteriza por desenvolver um brincar criativo que tece vínculos possibilitando captar numa estrutura triangular as alteridades desligadas provenientes do mundo externo e interno, criando uma rede de re-apresentações e fantasias que amplia as potencialidades do processamento da vida emocional (da dor de se sentir vivo). O aparelho psíquico terá que desempenhar uma dupla tarefa: por um lado zelar pelo vínculo com o mundo externo, exercer as funções que realidade impõe, e por outro, inventar, construir um mundo interno no qual todo o campo do possível e do impossível está aberto. Este duplo trabalho de simbolização e transformação é viabilizado pelos mecanismos de deslocamento e substituição, com todas as suas potencialidades e seus limites. Não se trata, portanto, de conhecer a realidade e definir os objetos internos ou externos no absoluto, pois eles vão permanecer desconhecidos, mas vislumbrar a dialética e as ligações que articulam o dentro e o fora, o intersubjetivo e o intrapsíquico.

Palavras-chave: intrapsíquico; intersubjetivo; André Green; alteridade

Entre corpo e psique: uma conversa inventada entre Green, Klein e Dominique Scarfone

Elisa Maria de Ulhôa Cintra - PUCSP

O texto inspira-se na ideia laplancheana de que nossa época deve consagrar-se a um paciente trabalho de discriminação entre diferentes pensamentos psicanalíticos, aprofundando questões e exigências que lhes são subjacentes. A articulação entre teorias da pulsão e teorias da relação de objeto é tecida através do pensamento de André Green, resgatando a importância das respostas do objeto na constituição do aparelho psíquico e das fantasias. Defende-se a articulação entre as dimensões intrapsíquica e intersubjetiva na construção e no funcionamento do aparelho psíquico e enumeram-se as funções anti traumáticas do objeto primário. Inventam-se uma conversação entre Melanie Klein e Scarfone, a respeito da existência de fantasias inconscientes “bem formadas” localizadas “no” inconsciente, ou “sementes potenciais” de tais fantasias. Defende-se a noção de fantasia inconsciente kleiniana, cuja abrangência permite criar transições e mediações entre corpo, figura, memória e palavra.

Palavras-chave: fantasia inconsciente; Klein; Green; Scarfone; intrapsíquico; intersubjetivo.

Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e a do escritor

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro - IPUSP

A partir do relato da experiência do escritor turco Orhan Pamuk (2010) com uma de suas leitoras, o artigo propõe uma analogia com o campo analítico, em que se faz presente a intersubjetividade analista-paciente. É apresentado o contexto teórico dos conceitos de *reverie*, função alfa e função psicanalítica da personalidade, criados por Bion e discutidos por autores contemporâneos. Compreendida na perspectiva de autores pós-bionianos como um campo do sonhar do analista e do analisando, a situação analítica é sempre complexa, nela podendo ser realizada a função psicanalítica da personalidade. O artigo finaliza considerando que tanto a experiência entre autor e leitor, como entre analista e analisando, em especial, a relação de intimidade e proximidade que acontece nesses dois diferentes contextos é favorecedora de transformações. Tais transformações se dão por meio da função psicanalítica da personalidade: a capacidade humana de transformar as experiências emocionais, inicialmente em estado bruto, em narrativas, a do analista e a do escritor, na busca humana incessante pela verdade e pelo sentido daquilo que é experienciado.

Palavras-chave: *reverie*, função alfa, função psicanalítica da personalidade, campo analítico

Bion e Laplanche: Função Alfa e Função Tradutiva Um encontro que celebra a psicanálise

Arnaldo Chuster - SPRJ

O texto é orientado pela pergunta: Bion, uma possível mudança de paradigma na psicanálise? O autor sugere uma imersão em algumas das principais construções teóricas na obra de Bion: a teoria do pensar, *reverie* e função alfa, o conceito de funções e fatores e a teoria das transformações. Para tal, convida o leitor a ler a obra por meio da proposta técnica de Bion: sem memória, sem desejo e sem necessidade de compreensão. Propõe, também, uma apreensão dos conceitos postulados por Bion a partir do pensamento complexo de Edgar Morin. O artigo apresenta um panorama consistente e sucinto percorrendo as principais postulações de Bion. Expõe a contribuição de Bion para uma teoria dos sonhos: os conceitos de *reverie* e função alfa; e faz uma discussão quanto a compreensão e distinção entre estes. O autor considera que a *reverie* diz respeito à díade mãe-bebê, e a função alfa a díade analista-analisando. A *reverie* é predominante sensorial, e a função alfa é predominantemente simbólica, ambas são compreendidas como polos de um espectro de infinitas possibilidades. O autor reforça a ideia de Bion sobre a função alfa como expressão epistemologicamente mais adequada para a observação da complexidade da vida mental, pois permite ampliações e aplicações detalhadas em vários níveis da experiência humana. A partir dos livros *Transformações* (1965) e *Atenção e interpretação* (1970), Bion compreende a psicanálise como uma ciência da observação dos relacionamentos humanos pela ótica do inconsciente.

Palavras-chave: Bion; teoria do pensar; *reverie*/função alfa, teoria das transformações; pensamento complexo.